

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

A ARTE EM PLATÃO E A BUSCA PELO CONHECIMENTO: UMA POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA¹

PLATAN ART AND THE SEARCH FOR KNOWLEDGE: AN INTERPRETATIVE POSSIBILITY

Edemilson Brambilla²

¹ Trabalho oriundo do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo

² Graduado em Música (L) e mestrando em Letras pelo PPGL/UPF.

Resumo: Os diálogos platônicos são tidos como referências basilares para o entendimento da sociedade de seu tempo, em especial para pensar aspectos como a política, a religião, e a justiça. Os escritos de Platão ainda nos fornecem um vasto debate acerca do papel delegado à arte e ao artista do período. Nesse sentido, este trabalho visa discutir o papel atribuído a estes nos escritos platônicos, em especial a partir do exposto em sua obra intitulada *A República*, com o intuito de compreender a função exercida pelas manifestações artísticas segundo o pensador, bem como sua relação com a busca pelo conhecimento. De acordo com a perspectiva que assumimos neste estudo, para além de uma descrição das implicações sociais do exercício artístico, Platão nos oferece relatos acerca da importante contribuição da arte na busca pelo conhecimento do mundo e do próprio sujeito.

Palavras-chave: Platão; A República; Arte; Conhecimento.

Abstract: Platonic dialogues are considered as basic references for the understanding of the society of its time, especially for thinking about aspects such as politics, religion, and justice. Plato's writings still provide us with a vast debate about the role delegated to art and the artist of the period. In this sense, this work aims to discuss the role attributed to them in Platonic writings, especially from the expression in his work entitled *The Republic*, on purpose to understand the role exercised by artistic manifestations according to the thinker, as well as their relationship with search for knowledge. According to the perspective we assumed in this study, in addition to a description of the social implications of artistic exercise, Plato offers us reports about the important contribution of art in the search for knowledge of the world and of the subject himself.

Keywords: Plato; The Republic; Art; Knowledge.

INTRODUÇÃO

Dentre os principais nomes da filosofia grega, os diálogos platônicos figuram entre os títulos de maior referência para a compreensão das questões centrais trabalhadas pela filosofia de seu tempo. Em seu livro *A República*, Platão busca descrever o que seria necessário para se ter uma sociedade ideal, apostando na educação para que se livre a alma da prisão e da obscuridade da opinião comum. Para este trabalho, no entanto, interessa-nos as ideias expressas no capítulo X deste livro, onde, tem-se um embate acerca do papel exercido pelas manifestações artísticas na formação dos cidadãos.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

Ao fazer um contraponto com a filosofia, que para Platão seria a melhor maneira de alcançar a verdade, o autor busca encontrar os valores, as funções e a essência da poesia e das demais artes, com o intuito de compreender se estas possuem valor formativo, e são capazes de tornar o homem melhor, ainda que, segundo Voigt (et. al. 2015, p. 226), tal problemática sempre deve ser vista a partir de um vínculo direto com a temática metafísica e dialética que permeia todos os diálogos platônicos. Isto quer dizer que, desvinculando a maneira pela qual o filósofo grego concebe a arte de sua postulação metafísica e do método dialético, não é possível tornar plausível a compreensão platônica das obras de Homero e Hesíodo, assim como da tragédia e até mesmo das artes plásticas em geral.

Nesse sentido, o presente trabalho busca, através das ideias expressas na obra supracitada, especialmente no livro X, e, trechos específicos presentes no livro VII, compreender o papel exercido pelas manifestações artísticas segundo Platão, bem como sua relação com a busca pelo conhecimento (*episteme*), maneira pela qual nos aproximaríamos da verdade contida no Mundo Inteligível (regido pelo bem), e nos distanciariamos do Mundo Sensível (regido pelo sol).

A BUSCA PELO CONHECIMENTO: A ARTE E O ARTISTA EM PLATÃO

Através da análise do livro X da obra em questão, compreende-se que, tanto a poesia quanto as demais manifestações artísticas, como esculturas, pinturas, música, etc., são tomadas por Platão de maneira depreciativa. Tidas pelo autor como miméticas, ou seja, estas seriam somente uma imitação das coisas e fatos captados através dos sentidos, as manifestações artísticas teriam a função de corromper os indivíduos, afastando-os, assim, da verdade, fazendo com que se chegue a apenas “opiniões” a esse respeito.

Para compreendermos os motivos que levam Platão a delegar tais afirmações com relação às artes, é importante que busquemos entender, mesmo que de maneira sintetizada, de que forma, segundo o autor, o indivíduo passaria a conhecer o real e chegaria a algum saber não ilusório e superficial. Para tanto, recorreremos ao exposto no capítulo VII da *República*, onde, através da alegoria da caverna, o autor nos mostra como atingiríamos tal estado.

Ao caracterizar a imagem de uma caverna, metáfora platônica para descrever a realidade sensível, a qual estamos expostos, Platão situa alguns prisioneiros acorrentados e imóveis, podendo ver, tão somente, as sombras que se encontram diante deles, refletidas no fundo desta caverna. Estes prisioneiros, no entanto, configuram-se aqui como uma referência explícita a nós mesmos, prisioneiros de nossos costumes, práticas e hábitos, e que, por conta disso, estamos fadados a ver as coisas de maneira parcial, limitada, incompleta, tal qual sombras. Segundo Souza Filho (2007, p. 65):

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

As sombras não são falsas ou irreais, mas ilusórias, por serem realidades parciais, o mínimo que o prisioneiro enxerga da realidade – porém, como não tem possibilidade de distinguir mais nada, ele trata como verdadeira a única realidade que conhece, daí a ilusão. O homem condicionado e limitado, pelo seu modo de vida repetitivo, que não o deixa pensar por si próprio, só consegue ver as sombras.

Havendo a possibilidade de libertação de um dos prisioneiros da caverna, através de um impulso ou estímulo que nele desperte a curiosidade de ir além de seus limites, Platão configura esta transição como sendo difícil e dolorosa. Em um primeiro momento, a força do hábito faz com que ele se sinta confortável nas condições em que vivia anteriormente, e estranhe a nova realidade que se apresenta. No entanto, através de um gradual processo de adaptação, é que o prisioneiro acostuma-se com a nova situação.

É através desse processo de adaptação que o prisioneiro caminha em direção à verdade, ao olhar, primeiro as sombras, depois os objetos, para então conseguir olhar o próprio Sol, sem que este lhe embaralhe a vista. Para Souza Filho (2007, p. 66-67), o Sol simbolizaria, neste contexto, o grau máximo de realidade, o ser em sua plenitude, a própria ideia do Bem (Mundo Inteligível), através da metáfora da luz como o que ilumina, torna visível e se opõe à escuridão e às trevas. Ainda segundo o autor, ao chegar à visão do Sol, o prisioneiro completa o processo de transformação de sua situação inicial, passa a possuir o saber, porque vê diretamente a fonte de toda a luz: o ser, a realidade. Compreende assim a totalidade, superando, portanto, a visão parcial das etapas anteriores.

Tomadas por Platão, conforme mencionamos, apenas como imitação, ou uma espécie de simulacro degenerativo e performático do real, as manifestações artísticas nos distanciariam cada vez mais deste processo de contemplação da verdade contida no Mundo Inteligível. Estas duras críticas ficam expressas em diversas passagens da *República*. Em alguns trechos, Platão evidencia também a capacidade de ludibriar os que não conhecem a verdade, através das ações do artista-imitador:

Portanto, a arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo fato de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição. Por exemplo, dizemos que o pintor nos pintará um sapateiro, um carpinteiro, e os demais artífices, sem nada conhecer dos respectivos ofícios. Mas nem por isso deixará de ludibriar as crianças e os homens ignorantes, se for bom pintor, desenhando um carpinteiro e mostrando-o de longe com a semelhança, que lhe imprimiu, de um autêntico carpinteiro (598a-e).

Ao tratar da poesia – de modo especial a tida pelo autor como sendo a mimética, enraizada em Homero, e não a totalidade desta prática –, Platão (598a-e) afirma:

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

Temos então a considerar, depois disto, a tragédia e o seu corifeu, Homero, uma vez que já ouvimos dizer que esses poetas sabem todos os ofícios, todas as coisas humanas referentes à virtude e ao vício, e as divinas. Efetivamente, um bom poeta, se quiser produzir um bom poema sobre o assunto que quer tratar, tem de saber o que vai fazer, sob pena de não ser capaz de o realizar. Temos, pois, de examinar se essas pessoas não estão sendo enganadas pelos imitadores que se lhes depararam, e, ao verem as suas obras, não se apercebem de que estão três pontos afastados do real, pois é fácil executá-las mesmo sem conhecer a verdade, portanto são fantasmas e não seres reais o que eles representam; ou se tem algum valor o que eles dizem, e se, na realidade, os bons poetas têm aqueles conhecimentos que, perante a maioria, parecem expor tão bem.

Ao colocar o poeta distante três pontos da verdade, Platão o iguala ao pintor, e por consequência também o faz com os demais artífices, explicitando, em outras passagens, que estes deveriam ser banidos da cidade ideal, por instaurarem nos cidadãos um mau governo da alma. Vejamos:

Portanto, temos razão em nos atirmos a ele (o poeta imitador) desde já, e em o colocar em simetria com o pintor. De fato, parece-se com ele no que toca a fazer trabalho de pouca monta em relação à verdade; e, no fato de conviver com a outra parte da alma, sem ser a melhor, nisto também se assemelha a ele. E assim teremos desde já razão para não o recebermos numa cidade que vai ser bem governada, porque desperta aquela parte da alma e a sustenta, e, fortalecendo-a, enfraquece a razão, tal como acontece num Estado, quando alguém torna poderosos os malvados e lhes entrega a soberania, ao passo que destruiu os melhores. Da mesma maneira, afirmaremos que também o poeta imitador instaura na alma de cada indivíduo um mau governo, lisonjeando a parte irracional, que não distingue entre o que é maior e o que que é menor, mas julga, acerca das mesmas coisas, ora que são grandes, ora que são pequenas, que está sempre a forjar fantasias, a uma enorme distância da verdade (605a-e).

O pesquisador André Luís Susin (2010, p. 12-13) parece expor, de maneira mais sintetizada, o pensamento platônico explicitado. Para ele, a atividade dos artistas miméticos está concernida ao âmbito das imagens que não mantêm nenhuma relação com a verdade sobre as coisas que eles representam (596a-598b). As multidões ignorantes não conseguem distinguir com clareza a imitação da realidade e assim aceitam os artistas miméticos como sábios e fontes confiáveis de educação moral (598c-602b); a imitação, ao apelar às partes inferiores da alma desligadas da verdade, tem como consequência o seu fortalecimento (602c); os encantos da imitação têm o poder de seduzir mesmo os melhores cidadãos (605c-607a).

No entanto, Platão acaba por não explicitar o que, de fato, vincula a condição mimética, oriunda de tais práticas, e as acusações referentes aos prejuízos formativos nelas contidos. Nos caberia então, questionar o real posicionamento de Platão com relação às artes, já que, em toda sua obra o

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

autor se mostrou cuidadoso demais com seus argumentos, inviabilizando, neste caso, que possamos reduzir seu pensamento somente a uma falta de cuidado ou sensibilidade com relação à arte. Pelo contrário, parece-nos que Platão não só nutre intensa admiração e sensibilidade perante às mais diversas manifestações artísticas, como, segundo Schuhl^[1] (2010, p. 10-11):

[...] também emprega, com uma precisão e segurança espantosa, a linguagem dos pintores, o vocabulário técnico das oficinas. Sem dúvida [...] não é como um leigo que Platão nos mostra o escultor começando por tornar bem lisa a massa a modelar, o coroplasta preparando sua molda, o pintor limpando sua tábua, traçando o contorno do seu modelo, dispondo as “carnes”; que ele transpõe, no *Timeu*, a prática do oleiro modelando a argila, utilizando o “desengordurante”; que ele fala da suavidade ou delicadeza de certas cores, tintas e valores, e do trabalho infindo dos retoques; ou que, aludindo à arte da *esquiagrafia*, ele sublinha a impressão diferente que sente o espectador segundo o ponto de vista – próximo ou distante – em que ele se encontra situado.

Seria possível supor, ao menos em uma primeira análise, certa admiração de Platão com relação à estas, parecendo assumir essa condição em algumas passagens da *República*. Segundo Schuhl (2010, p. 10), ele mesmo reconhece, ao falar da poesia imitativa, que ele sofre o seu encanto – e é preciso dar à palavra o sentido mais forte: trata-se de um encanto quase mágico. Se ele dela se afasta, é, ele diz, à maneira dos amantes “que se violentam para se separar de sua paixão, logo depois de reconhecer-lhe o perigo; como eles, prossegue, “nós evitaremos recair na paixão que sentimos por ela quando éramos jovens, e da qual o homem comum não está curado.

O que parece aos poucos se delinear, é que os argumentos usados por Platão para fundamentar sua posição com relação às artes, não bastam para justificar que ela seja banida da sociedade ideal. Tanto que, mais tarde, segundo Schuhl (2010, p. 10), Platão parece ter deixado escapar uma palavra que é uma confissão, um grito do coração: se as artes desaparecessem, diz no *Político*, “a existência, hoje já tão penosa, tornar-se-ia absolutamente impossível de se viver”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como supracitado, nos parece pouco preciso o posicionamento de Platão em alguns trechos da obra analisada, e, conforme exposto em nosso referencial teórico, parece-nos que, se o autor descreve as artes como sendo miméticas e em total desacordo com a busca pelo conhecimento ou verdade, não estando aptas, desse modo, a permanecerem na cidade ideal e serem vistas como potenciais formadoras dos cidadãos, seus escritos também nos oportunizam questionar o oposto, e buscarmos compreender se de fato configurava-se tal desprezo por parte do autor.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

Ou então, poderíamos questionar, se mesmo com Platão descrevendo as artes da maneira em que fez, seu ponto de vista não se aproximaria do que concluiu seu discípulo Aristóteles posteriormente, onde, mesmo considerando a arte como sendo mimética, reconheceu seu poder formativo de virtudes, o que auxiliariam o indivíduo na busca pelo conhecimento. O fato é que, a afirmação de Schuhl (2010, p. 10), que recorre a nomes como Nicolau de Cusa, Diógenes Laércio, e Apuleio, para levantar a hipótese de que Platão um dia ocupara-se da pintura, e tivera uma estreita ligação com a escultura, já não nos parece, a partir de então, uma afirmação tão improvável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PLATÃO. *A república*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011. 321p.

SCHUHL, Pierre-Maxime. *Platão e a arte de seu tempo*. São Paulo: Discurso Editorial: Ed. Barcarolla, 2010. 200p.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 303p.

SUSIN, André Luís. *Mimesis e tragédia em Platão e Aristóteles*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2010. 176p.

VOIGT, Andressa Cristina; et. al. *O conceito de mimesis segundo Platão e Aristóteles: breves considerações*. Revista Travessias, vol. 10, n. 02, 24 ed. 2015.

[1] Para tais afirmações, o autor toma como base diversos escritos de Platão, o que, devido à proposta do trabalho, não caberia citá-los. No entanto, é com base neste autor que fundamentamos nossa posição inicial a respeito do tema.

Parecer CEUA: 640.285